

Literatura e fronteira sob a perspectiva translíngue no conto “Los Desterrados” de Horacio Quiroga

Jorgelina TALLEI¹

Juliana Medeiros de FARIAS²

¹ Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil;
| jtallei@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-8486-0881>

² Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil;
| juliana3direc@gmail.com | <https://orcid.org/0009-0006-3569-5342>

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre os conceitos de fronteira e translinguagem a partir de uma análise do conto “Los Desterrados” (1926) do escritor Horacio Quiroga. Nesta perspectiva, procuramos analisar a constituição do espaço de fronteira representado na obra como elemento fundamental para a compreensão do ser e estar dos indivíduos que ali vivem. Para tanto, entendemos que é de suma importância ressaltar o conceito de transculturação (Rama, 2008) como objeto da transformação cultural que resulta do contato entre duas culturas diferentes (a argentina, em particular a cultura da chamada selva missionária, e a brasileira, em particular a chamada de fronteira) e entre suas línguas, respectivamente, português e espanhol. Tomando como base o preceito de que a compreensão da literatura é indissociável da compreensão da sociedade, este trabalho tem também um foco direcionado ao translinguismo ao pensar as questões linguísticas como práticas locais por meio das quais os sujeitos agem no mundo, mais especificamente considerando o portunhol como representativo da consolidação de uma identidade fronteiriça. Para isso, o marco teórico se fundamenta nos seguintes autores: Anzaldúa (1987), Kusch (1989), com a teoria do domicílio existencial; o conceito de translinguismo será tomado especialmente de autores como Canagarajah (2013) e, finalmente, o conceito de transculturação de Rama (2008).

Palavras-chave: Fronteira. Translinguismo. Transculturação. Portunhol.

Literatura y fronteras desde una perspectiva translingüística en el cuento “Los Desterrados” de Horacio Quiroga

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo reflexionar acerca de los conceptos de frontera y lengua a partir de un análisis del cuento “Los Desterrados” de Horacio Quiroga. Desde esta perspectiva, se tomará en consideración la constitución del espacio fronterizo representado en la obra como elemento fundamental para comprender el ser de los individuos que allí habitan. En este sentido, es de suma importancia resaltar la transculturación como un proceso de transformación cultural resultante del contacto entre dos culturas diferentes, a saber, la brasileña y la argentina, y entre sus lenguas, respectivamente, el portugués y el español. Partiendo del precepto de que comprender la literatura es inseparable de comprender la sociedad, este trabajo también tiene un importante enfoque en el translingüismo al considerar las

cuestiones lingüísticas como prácticas locales a través de las cuales los sujetos actúan en el mundo, más específicamente, el portuñol como representativo de la consolidación de una identidad fronteriza. Para ello, el marco teórico se fundamenta en los siguientes autores: Anzaldúa, 1987; Kusch, 1989, con la teoría del domicilio existencial; el concepto de translingüismo será tomado especialmente de autores como Canagarajah, 2013; finalmente, el concepto de transculturación de Rama, 2008.

Palabras clave: Frontera. Translingüismo. Transculturación. Portuñol.

1. Introdução

Horacio Silvestre Quiroga Forteza nasceu em Salto/Uruguai em 1878, mas viveu grande parte de sua vida em Missiones/Argentina, região retratada em sua obra literária, a qual trata de temas relacionados à selva; inclusive, na passagem introdutória da obra que analisaremos neste trabalho: “Misiones, como qualquer região fronteiriça, é rica em personagens pitorescos. Eles tendem a ser extraordinariamente aqueles que, como bolas de bilhar, nascem com efeito. Eles costumam tocar a banda e seguir os caminhos mais inesperados” (Horacio Quiroga, 1926, p. 47, tradução própria³).

O conto “Los Desterrados” também leva o nome do título do livro em que foi publicado em 1926, juntamente com outros sete contos; é um texto intenso, no qual a ficção e a realidade se entrelaçam não somente pela narração e a história mas, principalmente, pela forma como a narrativa se desenvolve, a partir de seu personagem principal: o desterro. A partir desse elemento, são apresentados os personagens João Pedro e Tirafogo, dois brasileiros foragidos, representando os povos que habitaram a região. Fala-se de imigrantes que não pertencem às terras, mas que a povoaram. Eles são desterrados, porém são os primeiros a habitarem a região, ou seja, podem ser considerados mais nativos do que os sujeitos nascidos ali posteriormente.

Evidencia-se uma tensão entre o “selvagem” e o “civilizado”, ao passo em que são abordadas mudanças ocorridas na região, envolvendo questões sociais e políticas pela narração literária dos causos na vida dos personagens. Ao final, os exilados, já “velhos”, não se reconhecem, mas compartilham um desejo de regresso à terra natal. A partir de então, a trama finaliza com a aventura da viagem de volta ao Brasil, em que, em determinado momento, acabam por se

3 No original: “Misiones, como toda región de frontera, es rica en tipos pintorescos. Suelen serlo extraordinariamente aquéllos que, a semejanza de las bolas de billar, han nacido con efecto. Tocan normalmente banda, y emprenden los rumbos más inesperados” (Horacio Quiroga, 1926, p. 47).

perderem na selva, mas descrevem a chegada ao destino sonhado “no último piscar de olhos”.

Com o objetivo de ampliar as possibilidades de leituras do conto que vamos analisar, este artigo propõe uma reflexão que relaciona os conceitos de fronteira e suas representações a partir das perspectivas literárias sob a ótica do translinguismo (Canagarajah, 2013) e do conceito de transculturação (Rama, 2008).

Para iniciar a discussão, consideremos a Quiroga como autor de fronteira, uma vez que parte considerável de sua vida se passou na região fronteiriça de Missiones, onde se passa também a narrativa de “Los Desterrados” e onde o autor escreve. Portanto, o conto aqui analisado será pensado como um trabalho realizado no nível da cosmovisão (Rama, 2008), por uma maneira subjetiva de ver e entender o mundo; neste caso o ser e estar na fronteira. Segundo essa linha de pensamento, observamos, também, o nível da língua, relacionando a transculturação às questões do translinguismo na obra. Embora, é importante salientar que estes conceitos são atuais e a reflexão aqui realizada é inicial, forma parte de uma pesquisa de mestrado, portanto, muitas questões poderão ser debatidas e/ou ampliadas a partir de nossa discussão inicial.

Posto isso, o presente trabalho leva em consideração, inicialmente, a constituição do espaço de fronteira representado na obra como elemento fundamental para a compreensão do ser e estar dos indivíduos que ali vivem. Ademais, pontua sobre o conceito de fronteira para relacioná-lo ao autor e, finalmente, analisa a questão da linguagem antes apontada. Para subsidiar a análise aqui proposta, é essencial a revisão de teorias crítico-literárias. Para isso, nos baseamos no conceito de fronteira (Anzaldúa, 1987), na teoria do domicílio existencial (Kuch, 1989), no conceito de dialogismo (Bakhtin, 1988), e de translinguismo (Canagarajah, 2013) e, finalmente, no conceito de transculturação (Rama, 2008).

2. Fronteira mais que espaço: o ser e estar dos indivíduos

A selva, em sua constituição, é um lugar de difícil acesso que, ao configurar-se como zona de fronteira, abre espaços também para um vasto intercâmbio e encontros de caráter marginal. É a partir deste entendimento que observamos a obra literária em evidência como um espaço vivo e em constante movimento. Muito além do limite territorial geográfico, a fronteira diz respeito aos universos culturais, sociais, políticos e históricos. Portanto, levando em consideração suas influências sociais e culturais, a ideia de fronteira aqui empregada aponta para um posicionamento estético e de classe, uma vez que evidencia imagens

projetadas a partir de um lugar de fala situado à margem: o ser e estar dos personagens João Pedro e Tirafogo. Para Anzaldua (1987, p. 47, tradução própria⁴), a fronteira é:

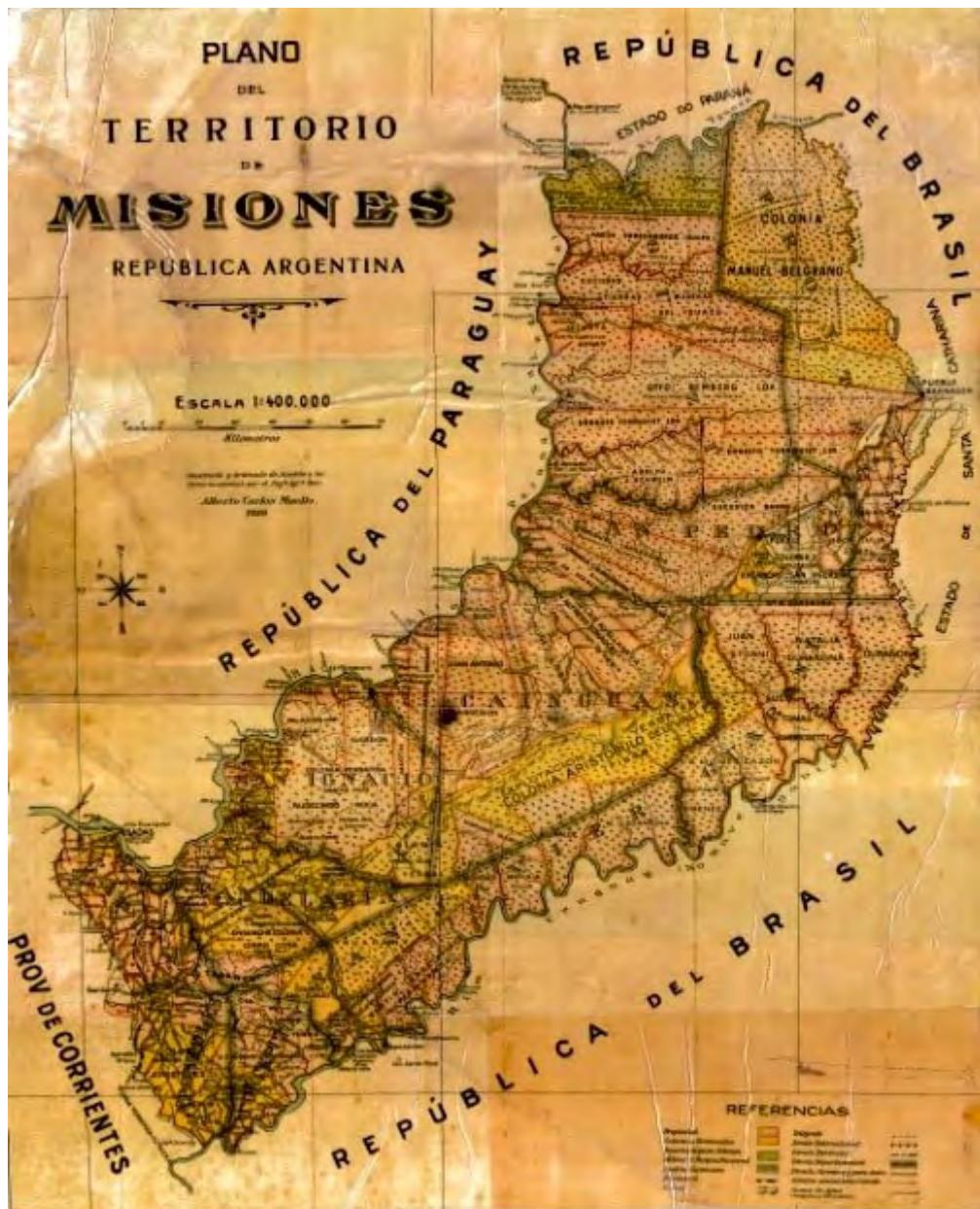
Um território fronteiriço é um lugar vago e indefinido criado pelo resíduo emocional da contrariedade à natureza. Está em um estado constante de transição. Seus habitantes são proibidos e banidos. É o lugar onde vivem os atravessados: os perversos, os queer, os problemáticos, os vagabundos, os mulatos, os mestiços, os meio-mortos; em suma, aqueles que cruzam, aqueles que ultrapassam ou atravessam os limites da normalidade.

De certa forma, quando a personagem João Pedro chega ao lado argentino com a patente de “general” foragido do Brasil, ele já está neste território proibido, marginado, como um habitante ilegal, fronteiriço, conforme a passagem, que revela a chegada dos brasileiros a Missões.

Vale salientar que se trata de uma região caracterizada pela porosidade, em que as extremidades das águas dividem e coadunam. A fronteira do estado de Misiones (Argentina com o estado de Paraná (Brasil) é extensa e está delimitada pelos rios Santo Antônio e Paraná, na zona da denominada tríplice fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai). No seguinte mapa, observamos o território missionário:

4 No original: “Un territorio fronterizo es un lugar vago e indefinido creado por el residuo emocional de una linda contra natura. Está en un estado constante de transición. Sus habitantes son los prohibidos y los baneados. Ahí viven los atravesados: los perversos, los queer, los problemáticos, los chuchos callejeros, los mulatos, los de raza mezclada, los medio muertos; en resumen, quienes cruzan, quienes pasan por encima o atraviesan los confines de lo normal.”

Figura 1. Mapa de Misiones (1920)



Fonte: <https://www.fcf.unam.edu.ar/mapas-historicos-la-provincia-misiones-1900-1930>

Ao observar o mapa, percebe-se que o estado de Misiones limita-se com o Brasil ao leste, ao norte e ao sul; está atravessado pelos rios Iguazú, San Antonio e Pepirí Guazú, o que perfaz 1.236,2 quilômetros de extensão. Nessa zona de contato demarcada, há duas pontes internacionais: a Tancredo Neves, que une as cidades de Puerto Iguazú (Misiones) e Foz do Iguaçu (Paraná); e a Comandante

Andresito, que une as cidades de Comandante Andresito (Misiones) e Capanema (Paraná). Também, em se tratando da região geográfica, é importante mencionar que a selva missioneira, também conhecida como selva paranaense, é uma zona de suma importância para o planeta, por ser uma das regiões com maiores massas verdes da terra e a segunda reserva de biodiversidade do continente americano. Vale destacar que os países vizinhos dividem a responsabilidade de administrar um patrimônio nacional da humanidade com uma área total que corresponde a 250 mil hectares de floresta: o Parque Nacional do Iguaçu, zona de mata nativa que está sendo preservada por ambos, onde encontram-se as Cataratas do Iguaçu, hoje considerada uma das sete maravilhas naturais do mundo.

Nesse tempo, chega a Misiones o brasileiro Tirafogo, com orgulho de ser um dos primeiros moradores da região (a formação populacional de Misiones fronteiriça), descrito como domador de mulas, tipicamente malandro e que nunca foi pego pela polícia. “Este detalhe merece ser mencionado, porque, apesar de o nosso homem ter bebido mais álcool do que três jovens fortes podem suportar, sempre conseguia esquivar-se, fresco ou bêbado, do braço dos agentes” (Quiroga, 1926, p. 49, tradução própria⁵).

Essa caracterização dos personagens remete ao estigma relacionado aos sujeitos fronteiriços que pertencem ao lugar. Em consonância com a imagem retratada por Glória Anzaldua sobre os sujeitos à margem, podemos observar que:

O deserto de Quiroga não foi colonizado por empreendedores, por ilustrados, por civilizados, mas por atormentados, marginais, desterrados, sonhadores, aventureiros e alcoólatras. O território de fronteira descrito por Quiroga é um território de pura potencialidade, de puro devir, onde nada se fixa, país entre países, selva, deserto, ecoar de fronteiras, onde sequer a vida pode manter-se sem custos, sem danos. É o Éden do Adão suicida, o selvagem (Bezerra, 2005, p. 180).

Tomando como base a reflexão sobre esse pensamento, vale uma observação acerca do próprio título do conto; seria uma referência ao pensamento de que os personagens não têm seu lugar no mundo? Ou seria a própria identificação com a região porosa da fronteira a representação do seu pertencimento? Assim, a leitura do conto permite a procura por respostas na “Teoria do Domicílio

5 No original: “Merece este detalle mención, porque a pesar de haber sorbido nuestro hombre más alcohol del que pueden suportar tres jóvenes fuertes, logró siempre esquivar, fresco o borracho, el brazo de los agentes” (Quiroga, 1926, p. 49).

Existencial” do filósofo Rodolfo Kuch (1989), pela qual percebemos que a criação dos sujeitos populares da região se realiza pela própria constituição de uma identificação que permitiu aos desterrados se instalarem física e existencialmente no solo em que agora habitam:

O sujeito popular da nação se constitui a partir dessa perspectiva, fora do ser como a filosofia o concebeu, e também fora da ciência. O verdadeiro sujeito nacional se constitui fora do Estado, na perspectiva que se origina da circunstância que assedia, o medo ontológico, que conduz, aqui na América, à constituição existencial do sujeito no sentido de mera existência que vimos anteriormente: “aí, o símbolo é necessário para ensaiar o ser” (Kusch, 1989, p. 142, tradução própria⁶).

Desse modo, são o pertencimento e a representatividade dos povos habitantes da região fronteiriça que alcançam o seu domicílio existencial; ao passo em que criam, em nível simbólico, aquilo que os lugares tratavam de excluí-los. Ao considerar que, em um dado momento, são estes os povos que aqui chegaram e construíram o que hoje existe, percebe-se o posicionamento estético representativo da realidade vivida pelos dois personagens, os desterrados sujeitos fronteiriços, mas que ali são os mais nativos. “A ironia é que esses personagens são, depois de Anaconda, os personajes más verdaderamente ‘nativos’ da região e, portanto, são exilados (ou pioneiros, como indica o título original da história) na própria terra em que habitam.” (Ríos, 1998, p. 35, tradução própria)⁷.

Ao analisar no conto as aparições de João Pedro e Tirafogo já na velhice, percebe-se, em contraste a esse sentimento de pertencimento até então defendido, um saudosismo velado encoberto por uma nostalgia do que ficou para trás. Os desterrados demonstram saudades do Brasil, da família, da mãe, da terra natal:

Y con un puchero, tan fluido como las lágrimas de su compatriota, balbuceó:
—¡Eu quero ir lá!... ¡A nossa terra é lá, seu João Pedro!... A mamãe do velho
Tirafogo... El viaje, de este modo, quedó resuelto. Y no hubo en cruzado
alguno mayor fe y entusiasmo que los de aquellos dos desterrados casi
caducos, en viaje hacia su tierra natal (Quiroga, 1926, p. 54).

6 No original: El sujeto popular de la nación se constituye a partir de esta estancia, al margen del ser tal como lo ha pensado la filosofía, fuera también de la ciencia. El verdadero sujeto nacional se constituye al margen del Estado, en la estancia que se origina desde la circunstancia que acosa, el miedo ontológico, que lleva aquí en América a la constitución existencial del sujeto en el sentido de mero estar que vimos antes: “ahí se exige el símbolo para ensayar el ser” (Kusch, 1989, p. 142).

7 No original: “Lo irónico es que estos personajes son, después de Anaconda, los personajes más propiamente ‘nativos’ de la región y, por ende, son exiliados (o proscritos, como indica el título original del relato) en la propia tierra que habitan” (Ríos, 1998, p. 35).

Alimentando esse sentimento, então, seguem a viagem final ao encontro da representação estética da fronteira entre vida e morte. Os exilados, sem-terra, sem lugar e sem pertencimento, perdidos na selva, sonham com o regresso, com o reencontro ao que lhes pertence.

A libertação ou o encontro com uma terra generosa só pode ocorrer no além mundo, nesse espaço mítico onde os personagens voltam metaforicamente à infância, abrigo de suas memórias mais felizes: “*Al final abrió los ojos, y sus facciones se agrandaron de pronto en una expresión de infantil alborozo: - ¡Já cheguei, mamãe!... O João Pedro tinha razón, ¡Vou com ele!...*” (Fioruci, 2015, p. 101).

Tendo nesse momento uma dimensão hostil de exílio, surge o conceito de fronteira. Então, é no último piscar de olhos de João Pedro e Tirafogo que insurge a primeira das personagens do conto, o próprio desterro, a partir do qual a morte representa o descanso, ou seja, símbolo de paz e de pertencimento ao ser e estar na fronteira.

3. A prática translíngue: o portunhol e a identidade dos sujeitos

De acordo com Anzaldúa (1987), a noção expandida de fronteira consiste na diferença entre *border* (linha divisória) e *borderland* (zona fronteiriça, imprecisa, móvel). Portanto, vai além da divisão entre comarcas administrativas; é mais amplo e social, pois envolve culturas, no entrecruzamento das diversidades.

Somos mudos. Somos aqueles com espanhol deficiente. Somos o seu pesadelo linguístico, o que vocês consideram uma aberração na fala, a sua fusão linguística, o objeto do seu ridículo. Porque falamos línguas de fogo, a nossa cultura é crucificada. Racialmente, culturalmente e linguisticamente, somos órfãos; falamos uma língua órfã (Anzaldúa, 1987, p. 109, tradução própria⁸).

Trazemos a problemática apresentada pela autora chicana a fim de relacionar com a temática da linguagem exposta no conto. Questões políticas e sociais em contextualização abarcam a teoria linguística que explica o uso objetivo das linguagens que ocorrem no mundo globalizado. Retomamos Fioruci (2015) para

⁸ No original: “Deslenguadas. Somos los del español deficiente. Somos la pesadilla lingüística de ustedes, lo que les parece una aberración en el habla, su mestizaje lingüístico, el objeto de su burla. Como nosotras y nosotros hablamos con lenguas de fuego, se crucifica a nuestra cultura. Racial, cultural y lingüísticamente somos huérfanos, hablamos una lengua huérfana (Anzaldúa, 1987, p. 109)”

relacionar o entendimento do portunhol como traço representativo da fronteira, um entre-lugar de pertencimento de identidades.

Neste artigo, entendemos a concepção do portunhol como fenômeno linguístico que trata do entrecruzamento entre duas línguas (português e espanhol) no espaço de fronteira. “[...] uma prática linguística legítima que diz sobre a vida da fronteira, é uma língua veicular usada coloquialmente pelas pessoas que vivem nesta região, designado como um ‘hablar fronterizo’” (Sturza, 2004, p. 154). Mas, além desta definição, considerase a dimensão estética e performativa da “escritura-entre-lenguas”. Noções de poéticas translíngues, de vozes e variação contínua fazem remeter à função estético-crítica do portunhol no conto, em especial, sua representação nas falas dos personagens. Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é massacrado e uma voz, apenas, faz-se ouvir (Barros; Fiorin, 1994, p. 6).

Esse pensamento reflete o preceito dialógico de Bakhtin para uma observação quanto à linguagem do conto uma vez que podemos concluir nessa literatura o valor positivo atribuído pela linguística ao representar o dialogismo, a presença, a representação por uma motivação estético-cultural das vozes presente no conto. Desde o início da narrativa, percebemos a menção a diversas vozes: “En los tiempos heroicos del obraje y la yerba mate, el Alto Paraná sirvió de campo de acción a algunos tipos riquíssimos de color, dos o tres de los cuales alcanzamos a conocer nosotros, treinta años después” (Quiroga, 1926, p. 55). Em todo seu percurso, são apresentadas questões em que o enunciado dialoga com o meio, sendo neste ponto importante destacar a representatividade nas falas dos personagens João Pedro e Tirafogo:

Se visitaban ahora con frecuencia, y tomaban mate en silencio, enmudecidos por aquella tardía sed de la patria. Algun recuerdo, nimio por lo común, subía a veces a los labios de alguno de ellos, suscitado por el calor del hogar. —Havíamos na casa dois vacas... —decía el uno muy lentamente—. E eu brinqué mesmo con os cachorros de papãe... —Pois não, seu João... —apoyaba el otro, manteniendo fijos en el fuego sus ojos en que sonreía una ternura casi infantil. —E eu me lembro de todo... E de mamãe... A mamãe moça... Las tardes pasaban de este modo, perdidos ambos de extrañeza en la flamante Misiones (Quiroga, 1926, p. 60).

É possível avaliar, nesse diálogo, a voz da nostalgia, das saudades de um passado deixado para trás, da necessidade de busca pelas referências pessoais, a um sentimento de pertencimento e, talvez, uma lembrança que reflete um deslumbrante imaginário. É a voz dos desterrados de sua pátria.

Nesse sentido, é possível entender como um desafio para os problemas gerados pelas fronteiras culturais, que abraçam as diferenças e dão boas-vindas aos desterrados.

Mas tal deslocamento subjetivo é suscitado justamente pelo percurso das trilhas da fronteira entre Argentina e Brasil, Misiones e Paraná. Os desterrados vão pelo trajeto inverso do caminho do desterro, em busca do seu lugar natal, não da sua terra prometida, mas da sua terra recordada. A travessia, sugestivamente, termina no alto de um monte da serra de Misiones, onde podem ver as araucárias brasileiras. Precisamente aí, tendo as duas terras ao alcance da vista, é que João Pedro e Tirafogo, já não sabemos de que lado do seu porto de passagem, encontram o atalho ao caminho de casa pela via do delírio, que compensa no desejo da volta a fraqueza das pernas. “-¡Ya cheguei, mamae... O João Pedro tinha razón... ¡Vou com ele!...” Tirafogo e João Pedro morrem na passagem, num entre-lugar tanto físico quanto linguístico (Fioruci, 2015, p. 98).

Em contextos gerais e conforme já apontado, a mobilidade humana e a globalização apresentam as questões de mescla entre as línguas como um fenômeno de constante contato e de transculturalidade. É a partir de então que se destaca a translinguagem no que tange aos usos linguísticos presentes no conto. É esse transcender dos sistemas estruturados de uso das línguas que trata da comunicação abrangente, que perpassa as barreiras entre as línguas.

Em observação das falas dos desterrados de Quiroga, é evidente que, por suas representações, e considerando também o ano de publicação, o portunhol não é uma variação, e sim uma prática linguística que versa sobre a vida do “eu fronteiriço”. No conto, o narrador adverte que o relato da viagem de João Pedro se dá em língua de fronteira: “[...] concluyó en esta forma y en esta lengua de frontera el relato del viaje: – Después tivemos um disgusto... E dos dois, volvió um solo” (Quiroga, 1926, p. 65).

Sobre o repertório linguístico dos personagens, marcado por práticas translíngues que, conforme aponta Canagarajah (2013), transcendem as línguas individuais e envolvem diversos recursos semióticos, o autor afirma ainda que as línguas em contato se influenciam mutuamente e rotulá-las como entidades separadas é um ato ideológico.

Nessa perspectiva, é possível observar a forma e função das falas dos personagens nas seguintes passagens do conto: “– Después tivemos um disgusto... E dos dois, volvió um solo. – Olvidose de que eu era home como ele... É canchel o

francéis.” Nesse momento, o personagem João Pedro inicia e finaliza a frase em espanhol, no entanto, no meio da estrutura sintática surgem vocábulos em português, sua língua materna. Neste outro exemplo: “– Eu vengo – respondió João Pedro – a quitar a você de en medio. Atire você primeiro, e não erre.” (Quiroga, 1926, p. 67), o desterrado se utiliza de uma estrutura frasal em sua língua materna quase em sua totalidade, porém, complementa o enunciado na língua do exílio, como uma estratégia de fazer-se entender.

Portanto, vale considerar, também, que os usos linguísticos presentes em “Los Desterrados” não fazem referência ao sistema de duas línguas separadas, mas sim a recursos semióticos misturados e que, juntos, performam sentidos e constroem identidades, como um possível translinguismo.

4. A transculturação: do encontro entre culturas à transformação cultural dos sujeitos

Conforme abordado ao longo do trabalho, é importante considerar que o enunciado dialoga com seu meio, reflete e refrata seu redor; uma vez que é pela relação de qualquer enunciado com outras enunciações, a partir de então, que será possível apontar sua relação com a transculturação. Posto que uma enunciação, em um dado momento histórico particular, não pode apagar os marcos sociológicos de seu ambiente, senão que assume o papel de participante ativo em um diálogo social, como podemos ver no conto:

Para mayor extravío, se iniciaba en aquellos días el movimiento obrero, en una región que no conserva del pasado jesuítico sino dos dogmas: la esclavitud del trabajo, para el nativo, y la inviolabilidad del patrón. Se vieron huelgas de peones que esperaban a Boycott como a un personaje de Posadas, y manifestaciones encabezadas por un bolichero a caballo que llevaba la bandera roja, mientras los peones analfabetos cantaban apretándose alrededor de uno de ellos, para poder leer la Internacional que aquél mantenía en alto. Se vieron detenciones sin que la caña fuera su motivo, y hasta se vio la muerte de un sahib (Quiroga, 1926, p. 65).

Segundo o preceito de entender que o vocablo “transculturación expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra” (Rama, 2008, p. 39), pode-se destacar neste momento que elementos da cultura local incidem e transformam as influências externas. Portanto, é possível inferir que no conto a fronteira entre o natural e o civilizado, em conflito pela imposição de um sobre o outro, representará o território descrito na narrativa. “En aquel tiempo – como ahora –, el Brasil desbordaba sobre Misiones, a cada revolución,

hordas fugitivas cuyos machetes no siempre concluían de enjuagarse en tierra extranjera” (Quiroga, 1926, p. 64). Conforme retratado no início do conto, o lugar onde se passa a narrativa – a província de Misiones – tinha como característica a selva e a ausência de urbanização. Mas, vale destacar principalmente o fato de poder ser estereotipado como terra-de-ninguém, uma vez que sua formação populacional se dava principalmente pela migração de fugitivos. Conforme iam chegando os estrangeiros e estes se misturavam aos trabalhadores locais, o espaço ia tomando forma e seus povos incorporando e adaptando as características próprias, ou seja, a transculturação como zona de contato. Segundo Pratt (2010, p. 32, tradução própria⁹):

Etnógrafos têm usado essa palavra para descrever como grupos marginalizados ou subordinados selecionam e inventam a partir dos materiais que lhes são transmitidos por uma cultura dominante ou metropolitana. Embora os povos subjugados não possam controlar o que a cultura dominante lhes apresenta, podem, no entanto, determinar o que absorvem para si, como o utilizam e que significado atribuem a isso.

Horácio Quiroga, instalado em Misiones, posiciona-se, inscreve-se e aprende a zona marginal. Percebe-se no imbricamento entre representação narrativa, pela dimensão de um fazer e ler transculturador, o princípio de fuga como uma necessidade de fugir do centro pelos limites de sua própria imaginação no projeto estético: em um ambiente determinado aos tipos que por eles são determinados.

Los Desterrados, Misiones, surge não como um lugar, mas como um destino e como uma fronteira. É um lugar que tem a capacidade de interromper o paradigma circular de partida e retorno que produz a literatura de viagem. É um lugar de exílio para onde exilados excêntricos acabam e ficam retidos após serem expulsos da narrativa principal da modernidade. (Pratt, 2010, p. 409, tradução própria¹⁰).

9 No original: “Los etnógrafos han utilizado esta palabra para describir cómo los grupos marginales o subordinados seleccionan e inventan a partir de los materiales que les son transmitidos por una cultura dominante o metropolitana. Si bien los pueblos subyugados no pueden controlar lo que la cultura dominante introduce en ellos, pueden, sin embargo, determinar entradas diversas lo que absorben para sí, cómo lo usan y qué significación le otorgan.”

10 No original: Los Desterrados, Misiones aparece no como un lugar sino como un destino, y como un confín. Es un lugar que tiene la capacidad de interrumpir el paradigma circular de partida y retorno que es el que produce la literatura de viajes. Es un lugar de exilio donde ex hombres excéntricos van a dar y quedan varados después de haber sido expulsados del relato principal de la modernidad (Pratt, 2010, p. 409).

Nesse sentido, é notória a seletividade e a invenção como elementos para o preceito defendido de que a arte e a literatura criam a realidade. “En el mismo tiempo, Tirafogo no carpía más para los vecinos. Aceptaba todavía algún trabajo de lonja que demoraba meses en entregar, y no se vanagloriaba ya de ser antiguo en un país totalmente transformado” (Quiroga, 1926, p. 63).

É nesse momento da narrativa que podemos destacar a observação da transculturação de Rama a partir das dicotomias: regionalismo – moderno, interior – capital, lado de cá – lado de lá da fronteira, uma vez que enfatiza as transformações sociais e aponta o local como um país totalmente transformado. Portanto, as tensões existentes retratam a tendência à transformação e influências culturais: o conflito pela imposição do civilizado sobre o natural.

Las costumbres, en efecto, la población y el aspecto mismo del país, distaban, como la realidad de un sueño, de los primeros tiempos vírgenes, cuando no había límite para la extensión de los rozados, y éstos se efectuaban entre todos y para todos, por el sistema cooperativo. No se conocía entonces la moneda, ni el Código Rural, ni las tranqueras con candado, ni los breeches. Desde el Pequirí al Paraná, todo era Brasil y lengua materna, hasta con los francéis de Posadas (Quiroga, 1926, p. 60).

É, então, a partir desse conflito entre regionalismo e modernismo que percebemos no conto a dialética entre uma literatura voltada às questões locais, com suas tradições e modismos, e a influência externa que faz surgir o diferente relacionado ao conceito de transculturação, em seu sentido, como algo para além da fronteira. Segundo Ángel Rama, em todo processo de transculturação narrativa é necessário considerar a literariedade e a invenção, sendo estas resultado de um processo de perdas, seleções, redescobrimentos, incorporações; sem esquecer a invenção (Rama, 2008, p. 47). Portanto, analisando “Los Desterrados” como obra narrativa de arte que propõe uma nova forma de ver, ser e estar no mundo – o ser e estar na fronteira – o lugar retratado na obra, pode-se dizer que há uma visão pragmático-discursiva do literário.

5. Considerações finais

Este trabalho propôs uma reflexão sobre os conceitos de fronteira e linguagem ao analisar o conto “Los Desterrados” de Horacio Quiroga, autor que, conforme percebe-se por sua própria biografia, sendo sujeito fronteiriço, apresenta na obra personagens que se identificam como tais, sendo o espaço da narrativa a própria fronteira, entendida como um tipo particular de lugar de ser e estar. É

este lugar que transforma, inclusive, e define a identidade dos sujeitos. Ou seja, a fronteira mais que espaço: o ser e estar dos indivíduos.

Ademais, a partir da perspectiva da identidade linguística, consideramos de relevância analisar o conto como uma possível prática translíngue, apresentando uma defesa do portunhol como traço identitário dos sujeitos representados. Neste aspecto, além de sensibilizar para valores universais e marcos sociológicos do ser humano e do meio ambiente, a literatura também contribui para evidenciar os registros culturais e de fala do momento e lugar apresentados e representados. Para tanto, foi de suma importância ressaltar a transculturação como objeto da transformação cultural que resulta do contato entre duas culturas diferentes: do encontro entre as culturas à transformação cultural dos sujeitos. É a transculturação em seu sentido como algo para além da fronteira, ao perceber-se, por exemplo, que Horácio Quiroga, instalado em Missiones, posiciona-se, inscreve-se e aprende a zona marginal. Isso é refletido no imbricamento entre representação narrativa, pela dimensão de um fazer e ler transculturador.

| Referências

ANZALDÚA, G. **Borderlands/ La Frontera:** the new mestiza. São Francisco (EUA): Aunt Lute, 1987.

BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (org.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade. Em torno de Bakhtin.** São Paulo: EDUSP, 1994.

BEZERRA, W. A. As nacionalidades latino-americanas: a Argentina vista pela luz dos olhos de Mário de Andrade e pelas sombras de Horacio Quiroga. **Revista USP**, São Paulo, n. 64, p. 174-189, dez./fev. 2004-2005.

CANAGARAJAH, S. **Translingual practice:** global englishes and cosmopolitan relations. London/New York: Routledge, 2013.

CARRASCO, Iván. **Literatura y texto literario. Documentos Lingüísticos y Literarios** 15: 18-23, 1989. Disponível em: www.humanidades.uach.cl/documentos_linguisticos/document.php?id=331. Acesso em: 15 ago. 2024.

DA COSTA, G. V. Fronteiras e margens em Horacio Quiroga: Uma leitura de “Los Desterrados”. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 23, n. 46, p. 144-161, jul./dez. 2016.

FIORUCI, W. As palavras e o mundo na prosa de Quiroga. **Revista Língua & Literatura**, v. 17, n. 28, p. 98-108, ago. 2015.

KUSCH, R. El hombre argentino y americano. In: KUSCH, R. **E. Azcuy, Kusch y el pensar desde América**. Buenos Aires: Fernando García Cambeiro, 1989. p. 139-149.

PRATT, M. L. **Ojos imperiales. Literatura de viajes y transculturación**. Tradução Ofelia Castillo. México: FCE, 2010.

QUIROGA, H. **Los Desterrados**. Buenos Aires: Babel, 1960.

RAMA, Á. **Transculturación narrativa en América Latina**. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

RÍOS, M. **Exilio, invención, autodestrucción: la unidad de lugar de los desterrados de Horacio Quiroga**. 2011. Dissertação (Master of Arts) – University of Georgia, Georgia, 2011.

STURZA, E. R. Fronteiras e práticas linguísticas: um olhar sobre o portunhol. **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, v. 2, n. 1 (3), Políticas da Linguagem no Brasil, p. 151-160, 2004.

Como citar este trabalho:

TALLEI, Jorgelina; FARIA, Juliana Medeiros de. Literatura e fronteira sob a perspectiva translíngue no conto “Los Desterrados” de Horacio Quiroga. **Revista do GEL**, v. 22, n. 1, p. 291-306, 2025. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 10/10/2024 | Aceito em: 10/12/2024.